

## ROUSSEAU E NIETZSCHE: DE COMO A IDEIA DE NATUREZA ESTABELECE O DEVIR

*Lúcia Schneider Hardt (UFSC)*

Resumo: O texto estabelece um diálogo entre o pensamento de Jean-Jacques Rousseau e de Nietzsche no que diz respeito ao conceito de natureza e sua relação com o devir.

Palavras-chave: Rousseau – Nietzsche – natureza – esclarecimento.

A ideia de natureza parece contrapor-se à ideia do esclarecimento. A segunda está excessivamente moldada, esculpida pelo homem e a primeira deseja preservar-se dos toques humanos, criando uma espécie de blindagem. Tanto Nietzsche como Rousseau sentem-se atraídos por uma perspectiva da natureza que se vincula ao devir e a uma espécie de sentido em afirmar a vida. Os dois filósofos, cada um a seu modo, enfrentam a razão e suas promessas. Enfrentam desse modo as bases da modernidade em processo desde Descartes. Enfrentam a tradição da razão e apontam muitas outras forças que estão à disposição do ser humano. Isso não significa negar a razão virando um sonhador e/ou um irracionalista, significa incluir e enfrentar outras formas de conhecer.

Nietzsche rejeita a ideia do além-mundo e contesta os crentes sempre que fazem essa opção. Para ele, essa atitude já indica uma negação da natureza, uma vez que o valor está em aguardar o que não se tem e depreciar o que já está entre nós, se não em nós. A voz do corpo é a voz da natureza, que estabelece o sentido da terra. Não é fora do homem e fora da terra que está a natureza, ela está no homem, na terra, no corpo. Procurar outro mundo significa negar a vida e sua exuberância. Em certo sentido a natureza é a vida e ela se expande no devir para Nietzsche. Devir é fluxo, ele não tem aparência fixa, identidade, finalidade, assim, como diz Sobrinho<sup>1</sup>: “o mundo aparente em devir é o único existente”.

Nietzsche tem seus referenciais pautados por uma ideia de Natureza que inclusive remete aos mitos. Somos de tal forma tantos que não é suficiente identificar-se com os outros, ter nomes próprios, muito menos identidade com os próximos; precisamos de um contato com

---

1 SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Friedrich Nietzsche: perspectivismo e superação da metafísica. In: *Revista Comum*. Rio de Janeiro. v.9, n°22, p.5 a 38. Janeiro/Junho 2004.

o Cosmos e são os mitos que permitem uma espécie de tentativa de diálogo com a natureza. Nas narrativas míticas vemos-nos na pele, no drama, na vida de outro e assim nos consolamos enquanto forças vivas. Não está em questão buscar uma saída, uma lição, mas refletir sobre as infinitas formas de viver e conhecer. Os mitos são uma espécie de olhar cirúrgico sobre a vida e não se limitam a um tempo histórico, mas criam uma função estética, artística para o viver, que pode a qualquer tempo ser resgatada e/ou solicitada para consolar o ser humano.

O período pré-socrático é, para Nietzsche, uma inspiração. A natureza ainda não está humanizada, é o ser humano que ainda se preserva naturalizado. Esse estado significava estar vinculado à terra, dar vazão ao corpo, deixar fruir os instintos e paixões. Essa é a natureza humana. O processo de humanização, o otimismo lógico socrático, a metafísica platônica alçou ao sagrado a condição profana da natureza humana, aspirando um ser racional, correto, calibrado pelas melhores virtudes.

Como Rousseau, Nietzsche clamava por um estado anterior às luzes, ao progresso. Tanto um como o outro rejeitam a ideia de que ser civilizado significa aderir a uma formação erudita e pretensamente sofisticada. Quanto mais aderência, menos natureza. Estar grudado, aderente aos artifícios utilitários da sociedade nos afasta do estado natural. O enfrentamento é duro, exige coragem e leveza para adentrar o jogo da vida e torná-lo belo para defender uma outra estética da existência.

A natureza, diz Nietzsche, não é um fenômeno moral e só um além-homem pode sustentar esta premissa e mais: interromper o jogo que insiste em moralizar a natureza para instituir outras interações com a originalidade da vida. Safranski<sup>2</sup> afirma que Nietzsche desejava criar para si uma segunda natureza, mais livre e autêntica que a primeira, capturada pela metafísica e pelo humanismo. A segunda natureza é expressão desse gênio que surge, que interrompe o jogo para afirmar a vida e precisa ficar alerta o tempo todo para que a primeira natureza não retorne. De certa forma, esta “primeira natureza” a qual Nietzsche se refere não é aquela dos pré-socráticos, mas aquela que ficou determinada pela razão e pelo esclarecimento. Uma natureza humanizada, emancipada de si e que, por isso, ficou vazia de sentido.

Zaratustra é o personagem criado por Nietzsche para fazer fluir toda a ideia do devir: a ideia do além-homem, do eterno retorno e da vontade de potência. De certa forma essa força tripla escava novamente a ideia de natureza sem plano moral, mas como força e tempero vital. É essa natureza que restabelece a possibilidade do devir quando se encontra com o além-homem capaz de suportar o peso da liberdade que conquista. Nietzsche luta contra a sua primeira natureza vinculada a sua família, com a tradição, a sua formação, o seu tempo e a

---

2 SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche. Biografia de uma Tragédia*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

sociedade. Empenha-se em preservar a sua segunda natureza, criada por ele e que produziu tanta solidão e isolamento. Talvez outro ponto de contato com Rousseau: a poética da solidão. Em suas lutas, os dois buscam abrigo na solidão e suportam o isolamento para defender suas ideias. Talvez mais, cuidam a tal ponto de sua vontade que a solidão não impede de atingir a maturidade e prosseguir pensando. Nela descobrem o valor da afirmação da vida e a solidão, mais que uma condição, passa a ser uma escolha.

Rousseau, em suas caminhadas, mostra sua sensibilidade e capacidade de introspecção e o seu deslumbramento pela natureza que, em cada tempo de solidão, descortina-se com mais beleza. Neste ponto vale registrar que suas caminhadas já refletem de uma certa maneira um Rousseau em crise, perseguido pela sua própria vontade de finalizar um projeto de formação que concretamente fosse aceito em seu tempo. Como isso não se materializa ele enxerga inimigos, afasta-se de círculos sociais, prefere um mundo sem linguagem: a botânica.

O excesso de ocupação das pessoas, a pressa as impede de ver, de reparar. A solidão não tem o propósito de retirar-se da cultura, mas implica cultivar a sensibilidade para ativar uma reconciliação com a natureza que preserve o desenvolvimento humano. Significa ficar atento tanto aos desígnios da natureza quanto àqueles indicados pela cultura. A metáfora do jardim apresentada por Rousseau expressa esse desejo, pois o jardim-Eliseu é uma espécie de cultivo da natureza que valoriza as plantas próprias da região, dispostas de forma agradável criando espaços em função do tamanho, da cor, do cheiro, das folhas das plantas sem ter de podá-las, ajustá-las a fronteiras para criar uma estética artificial visando a produzir medidas, a selecionar espécies considerando as linhas e as curvas, a decidir sobre cortes, cores para encaixar em conceitos de beleza e ordem dados fora dos parâmetros da natureza. Assim, a analogia do jardim em termos de formação consiste em refletir até que ponto o homem pode e deve interferir no curso da natureza.

Para Nietzsche, a Natureza é forma e destruição: “a vida só triunfa no excesso, quando se esbanja, quando vive até se esgotar”. Os pré-socráticos já viveram essa condição, depois o “cão selvagem foi domesticado”. A expansão não é perversidade, implica muito mais a força criativa do que a vontade de encontrar qualquer coisa, inclusive crenças para viver. O processo de formação implica “tornar-se o que se é”, o que em certa medida significa vincular-se a uma natureza vital e exuberante. Rousseau afirmou: em todos os lugares estamos acorrentados. Nietzsche insiste: em todos os cantos estamos contidos, somos impedidos da expansão, do esbanjamento, do excesso. Somos impedidos do acréscimo, do supérfluo.

A cultura diferencia-se da civilização. A segunda quer terreno seguro, a primeira sabe que seu espaço é à beira do abismo. “Tudo que é profundo ama a máscara, e faz uso dela para proteger-se, pois conhece sua natureza e sua profundidade”. A máscara acolhe aquele que pensa e fornece uma espécie de tempo a fim de que, sem velocidade o “cultivo de si” seja possível. Os processos civilizatórios não suportam isso, precisam de contabilidade, de

cálculos, de produtos, de velocidade, da verdade. Enfrentam a máscara como a um inimigo, pois entendem que ela impede a virtude e o progresso tão desejados. O devir, nesse contexto, é aquilo que ficou prometido e que, em algum momento, vai concretizar-se. Para Nietzsche, o devir é o enigma que se joga enquanto vivo em múltiplas direções e que se torna belo nas mãos do gênio que criou outra vez sua natureza.

A máscara é de alguma forma uma ficção, um esforço de interpretação, uma proteção necessária considerando a nossa própria natureza extravagante. Não suportaríamos a exposição constante dessa força e a máscara é uma expressão da cultura necessária para a vida em sociedade. Mas ela pode ser bela, sofisticada, presa aos detalhes para proteger e cuidar. Nosso cérebro, diz Nietzsche, precisa de um sistema bicameral, onde uma das câmeras seria a fonte de energia e a outra, uma espécie de regulador. Esse regulador constituído das paixões, dos instintos aquece a fonte de energia, mas também calibra, pois evita o superaquecimento. Significa dizer: é preciso preservar o prazer, a paixão, a ilusão pelo acesso à verdade para manter acesa a curiosidade rigorosa e não sucumbir à barbárie do conhecimento convertido em crença.

Segundo Safranski<sup>3</sup>, Nietzsche nesse ponto estabelece como valor a própria vida: ele quer viver para pensar “a vida como palco para ensaiar o pensamento.” Mesmo doente ele queria pensar e talvez fosse esse ensaio de um cérebro bicameral que permitiu tanta lucidez teórica em tempos de fragilidade física. E ao defender o espírito livre, enfrenta a tradição do obedecer para instaurar uma atitude de comando em cada indivíduo que respeite a vontade de potência em si e no outro. “Devemos nos tornar maestros dos impulsos de nossa vida, poder equilibrar-nos sobre nossas fendas e orquestrar a confusão de nossas vozes”<sup>4</sup>.

Nietzsche enfrentou a doença, e Rousseau, por meio de sentimentos persecutórios, não usufruiu igualmente de uma saúde plena. O limite da vida nos dois casos não impediu a produção de ideias, a afirmação da vida. Parece mesmo que estava neles uma espécie de potência reguladora capaz de ativar o que tendia a esmorecer pelo excesso. Em Rousseau vemos uma personalidade ambígua, tem uma sensibilidade apurada, por outro lado uma difícil interação social. É pouco espirituoso, não é hábil quando reage a uma crítica, demonstra dificuldades no uso da linguagem e sua timidez por vezes cria um mundo de adversários, quando em parte poderia apenas tratar-se de interlocutores. Nietzsche igualmente tem uma personalidade tímida, contudo mais investida de melancolia e recolhimento de si. Diferentemente de Rousseau quando provocado, criticado, retira de si uma força de combate impressionante que vai sofisticando-se com a maturidade.

---

3 SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche. Biografia de uma Tragédia*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

4 SAFRANSKI, R. *Nietzsche. Biografia de uma Tragédia*. 2005, p. 169.

Para Nietzsche, o devir implica uma equação complexa entre um pensar científico e um pensar artístico. De toda forma, o que virá, que já está em movimento, deve significar o esforço mais belo e forte para ser desejado inúmeras vezes em função de um esbanjamento de força que desejou criar beleza estética.

Segundo Nietzsche, a ciência deveria ser vista sob a ótica do artista. Diz Safranski:

O artista forma e cria, ele produz uma nova realidade. O cientista conhece a realidade. O artista lida com a configuração, o cientista com a verdade. Da ótica do artista, Nietzsche descobrira na ciência o ficcionalismo ali reprimido e não admitido. A ciência quer a verdade, mas nela age também a força da imaginação, mais do que admite para si mesma. A ciência pode encontrar verdades, mas também as inventa. A arte, em contrapartida, vive conscientemente da força da imaginação, ela cria um mundo de ilusões e tece no belo traje que colocará sobre a realidade; ela lida com o brilho da aparência. A ciência pede desvelamento, a arte ama o véu. Como a arte é íntima da invenção, não ignora quanto de invenção e impulso de formação também existe na ciência. Mas a ciência não quer aceitar isso. A isso Nietzsche chama o *problema da ciência*, visto da perspectiva da arte<sup>5</sup>.

O devir, em Rousseau, apresenta-se como um sempre reencontro com a natureza. Fica expresso, mais uma vez, nos devaneios de um caminhante solitário que faz confidências e escolhe pensar solitariamente. Talvez não seja apenas uma escolha, mas uma necessidade de habitar um mundo menos falante e interativo. Cada vez mais tem dificuldades com o convívio social e como o reconhecimento desejado não se efetiva, melhor habitar um mundo desprovido de palavras, mas repleto de beleza natural. Já é agora a condição da maturidade, de quem muito viveu e decide dar si mesmo o direito de distanciar-se do que não agrada. Relativiza a condição dos supostos sábios a ensinar sobre a verdade e a justiça. Em grande parte o que é ensinado é inútil, está longe dos interesses do coração e da sensibilidade. Para Rousseau:

Justiça e verdade são sinônimos, podendo ser tomados um pelo outro, sem distinções. A santa verdade que seu coração adora não consiste em fatos indiferentes e nomes inúteis, mas em atribuir com fidelidade a cada um o que lhe é devido nas coisas que de verdade são suas, imputações boas ou ruins, retribuições de honra ou censura, de louvor ou repreensão<sup>6</sup>.

---

5 SAFRANSKI, R. *Nietzsche. Biografia de uma Tragédia*. 2005, p.179.

6 ROUSSEAU, J-J. *Os devaneios do caminhante solitário*. 2010, p.52.

Portanto, essa capacidade de aplicar a justiça é uma espécie de impulso natural, não um protocolo de regras e normas ou conceitos. E esse impulso natural é tão forte que, por vezes, diz Rousseau, em momentos surpreendentemente rápidos e imprevistos, movidos pela vergonha e pela timidez, somos capazes de arrancar mentiras de nós mesmos, aquelas que jamais gostaríamos de conhecer. Em vários momentos Rousseau fala de sua timidez, que subitamente o coloca em situações constrangedoras, mas não o impede de seguir os comandos morais da consciência que tanto defende e apregoa. Ainda assim, diz ele, “seria preciso que meu ser moral fosse aniquilado para que a justiça se tornasse indiferente para mim”.

Moralidade é um tema complexo para analisar nos dois autores. Rousseau é incisivo e indica que existe na natureza uma força do Bem, da justiça, que ficou prejudicada nos processos civilizatórios convencionais. Insistiu em apresentar ao mundo um projeto de formação que conduzisse o ser humano para o Bem. Nietzsche insiste com uma natureza afirmada pelo instinto da vida, imoral, pois vê na moralidade um domínio que enfraquece o ser humano, tornando-o doentio e culpado. O que deve ser afirmado é a moral do acréscimo que vem da potência de vida, da capacidade do esquecimento do já vivido para outra vez fazer experiências para além do bem e do mal. A moralidade de Rousseau deseja conduzir o ser humano a um caminho mais justo e portanto cruzará com a verdade, condição essa oriunda dos impulsos naturais. Já Nietzsche, no *Crepúsculo dos Ídolos*, diz que toda moral é antinatural, “pois esta que nos foi ensinada, venerada e pregada, dirige-se, pelo contrário, precisamente contra os instintos vitais”. O que hoje definimos como moral, nega os impulsos naturais.

Rousseau encanta-se com a Natureza em suas caminhadas, seu depoimento é de que aquilo que está vivendo em seu sossego é de tal forma agradável, que poderia permanecer nesse estado para toda a vida. Convive bem com uma espécie de melancolia, já sabe em parte suportar a rejeição dos outros, ainda que sempre ronde uma espécie de culpa pelo não realizado o que em grande parte significa render-se ao não reconhecimento. E no contato com a natureza, diz Rousseau, “me sinto devolvido a mim mesmo e tudo concorre para deixar a vida bela”. Tanto um como outro pensador tiveram de arranjar mecanismos para suportar a crítica que, de certa forma, já estava prevista em seus textos considerando a condição extemporânea de cada um deles. Essa força, para Nietzsche, traduz-se em dinamite na relação com seus críticos; já em Rousseau, no final da vida, ela desdobra-se em indiferença, talvez até em um ressentimento em relação ao mundo ordenado e dito civilizado. Arrisco dizer: um pretende desmontar o que vê, o outro afasta-se do que fica exposto como verdade. Os dois, em uma certa medida, desejam reparar o que veem, um pela regeneração da moral, reparando o mal expresso na cultura para pensar um outro contrato social; o outro deseja reparar terminando de fazer a ruptura estabelecendo para isso um método de pensar e interferir na realidade: a genealogia.

Voltaire, criticando ironicamente Rousseau, diz não entender seu desejo de reparação, pois parece desejar regredir até um ponto onde novamente andássemos sobre quatro patas. Nietzsche também ironizou esse desejo de regresso de Rousseau e indaga: Para onde mesmo quer ir Rousseau? Afinal que viagem é essa? Diz Nietzsche:

Homens como Rousseau sabem utilizar suas fraquezas, lacunas e vícios como adubo para seu talento, por assim dizer. Quando ele lamenta a corrupção e degeneração da sociedade como triste consequência da cultura, isso tem por base a experiência pessoal; a amargura desta proporciona agudeza à sua condenação geral e envenena as flechas que ele dispara; ele se desopribe inicialmente como indivíduo e, pensa em buscar um remédio que seja útil diretamente à sociedade, mas também indiretamente, por meio dela, a ele próprio<sup>7</sup>.

Como seria a ironia de Rousseau em relação a esses dois pensadores? Voltaire e Rousseau sempre estiveram em combate, enfrentaram-se várias vezes. Já com Nietzsche é preciso imaginação, uma vez que o tempo não os colocou frente a frente. De toda forma, imagino, Rousseau diria outra vez o que já vinha manifestando durante suas caminhadas:

[...] agora experimento uma felicidade para a qual me sinto criado. Descrevi esse estado em um de meus devaneios. Ele me é tão conveniente que não desejo outra coisa além de sua continuidade e só temo vê-lo perturbado. O mal que os homens me fizeram não me afeta de maneira alguma; apenas o temor daqueles que ainda podem me fazer é capaz de me agitar; no entanto, certo de que não têm novo poder através do qual possam me afetar de forma permanente, rio de todas as suas tramas e gozo de mim mesmo apesar deles<sup>8</sup>.

Está em Rousseau novamente uma certa ambiguidade: afirma não mais importar-se com os outros, contudo fica expresso um temor em relação àqueles que ainda podem perturbá-lo.

Resistência à pressa parece ser outra afinidade dos dois pensadores. As caminhadas de Rousseau estão repletas da contemplação vagarosa, cuidadosa e apreciada em todos os seus detalhes. Nietzsche, ao criticar a cultura de sua época, indigna-se com a pressa e a utilidade. Ao analisar a realidade da Alemanha considerando o modelo de educação e formação vigentes afirma que o fim da educação não pode ser o Estado, é preciso investir

---

7 NIETZSCHE. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. 2005, pp.260-261.

8 ROUSSEAU, J-J. *Os devaneios do caminhante solitário*. 2010, p.115.

em educadores de fato e não em famintos por empregos. Educadores com experiência, nobres, “provados a cada tempo e momento pela palavra e pelo silêncio”, oriundos de uma cultura singular, rara. Professores não são “amas-de-leite” que adestram os jovens para serem úteis ao Estado. Cultura, educação superior não é para todos, o declínio da cultura alemã decorre de um democratismo vulgar que oferece formação a todos visando aos egoísmos do Estado. Não podemos ter respeito por essa prerrogativa. O que fica afirmado nesse todo é a mediocridade. Assim:

Em toda parte vigora uma pressa indecente, como se algo fosse perdido se o jovem de 23 anos ainda não estivesse “pronto”, ainda não tivesse resposta para a “pergunta-mor”: – qual profissão? Um tipo superior de homem, permitam-me dizer, não gosta de “profissão”, justamente porque sabe que tem uma “vocação”... Ele tem tempo, toma tempo, não pensa em ficar “pronto” – aos trinta anos alguém é, no sentido da cultura elevada, um iniciante, uma criança – São um escândalo os nossos ginásios abarrotados, nossos sobrecarregados, estupidificados professores ginásiais: para tomar a defesa dessas condições, como recentemente fizeram professores de Heidelberg, para isso pode haver causas – razões não há<sup>9</sup>.

Dos estudantes o autor segue para os educadores. Defende a necessidade de um educador que deva ser provado a cada momento pela palavra e pelo silêncio, “de culturas maduras, tornadas doces” e não grosseirões eruditos. As tarefas básicas de um educador: ensinar a ver, aprender a pensar, aprender a falar e escrever para cultivar uma cultura nobre. Habituar o olho, como diz Nietzsche, “ao sossego, à paciência, a deixar as coisas se aproximarem; adiar o julgamento, aprender a rodear e cingir o caso individual de todos os lados.” Aprender a ver significa ficar mais vagaroso, mais lento, desconfiado para efetivamente mergulhar nas circunstâncias e refletir.

Rousseau também fala do prazer do silêncio, do sentido da solidão e sobre o valor do contato com a natureza, que só acontece quando tomamos o tempo como parceiro. A esperança era ali permanecer onde o prazer implicava enlaçar-se a si mesmo para refletir e pensar. Um mundo não falante parece ser o mundo mais indicado para se viver. A botânica, sua grande paixão na maturidade, diz Rousseau, “é o estudo para um ocioso e preguiçoso solitário”. Nessa ociosa ocupação:

Existe um encanto que só sentimos com a total inatividade das paixões, mas que é suficiente para sozinho tornar a vida feliz e suave; porém, assim que a ele

---

9 NIETZSCHE. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. 2006, p.59.

misturamos um toque de interesse ou vaidade, seja para ocupar posições, seja para escrever livros, assim que herborizamos apenas para nos tornarmos autor ou professor, todo esse doce encanto se esvai; passamos a ver nas plantas apenas instrumentos de nossas paixões, não encontramos mais nenhum verdadeiro prazer em seu estudo, não mais queremos saber, mas mostrar o que sabemos, e nos bosques ficamos como que num teatro do mundo, ocupados com a idéia de sermos admirados; ou então, limitados à botânica de gabinete e, no máximo, de jardim, em vez de observarmos os vegetais na natureza, apenas nos ocupamos de sistemas e métodos; eterno assunto de discussão que não faz conhecer uma única planta a mais e não joga uma luz verdadeira sobre a história natural e o reino vegetal<sup>10</sup>

Talvez seja possível afirmar que as distâncias de Rousseau em relação a Nietzsche indicam uma diferença importante: está no primeiro um desejo de atingir a humanidade, de fazê-la melhor. Empenha-se nessa direção e defende um contato espontâneo com a natureza, que poderá fazer brotar a generosidade, o amor, a sensibilidade, a ideia de justiça. Defende uma formação moral que pode controlar as violências da paixão. A corrupção oriunda da sociedade será impedida pela formação do indivíduo e esse é o maior propósito da educação de Emílio. A natureza, para Rousseau, é pura, bela, organizada. Precisamos caminhar em direção a um estado anterior às alterações provocadas pelo progresso, o que implica recuperar a natureza que ainda temos e que nos está sendo roubada enquanto nos educam e formam. Perdemos a dimensão da harmonia da natureza, de um convívio social mais espontâneo, menos regado pelas etiquetas e pela linguagem, fomos convencidos de que na natureza não está a ordem, ela virá de fora, depende de intervenções da razão, da medida, das regras e dos conceitos.

Existe uma lógica na natureza selvagem que não conseguimos perceber, precisamos de tempo e outros olhos para que essa outra realidade nos toque. Nesse ponto difere de Nietzsche, pois para esse a natureza moralizada pelo humanismo fez o homem decair de sua condição vital. O empenho está em construir uma segunda natureza que retome um estágio imoral para novamente encontrar a exuberância e a vibração da vida. Nesses termos é sempre bom reafirmar que o sentido imoral aqui indicado não significa a ausência de valor, mas o enfrentamento daqueles valores dados como universais e que, em grande parte, negam a exuberância da vida. Temos de tomar o valor, escavar sua história para então avaliar sua pertinência. Em lugar daquilo que ruiu podemos colocar outro valor que melhor reconheça a vida em sua ampla expressão.

---

10 ROUSSEAU, J.-J. *Os devaneios do caminhante solitário*. 2010, p.97.

O indivíduo livre, para Rousseau, é aquele que consegue colocar o bem comum acima dos interesses privados e controlar suas paixões em função de uma maioria. A força desse coletivo não é encontrada em Nietzsche da mesma forma, mas o destaque está no além-homem, que insiste em afirmar-se em sua singularidade, enfrentando os rebanhos inventados para fazer funcionar a sociedade. Precisamos respeitar a força da natureza, não organizada, selvagem, em vez de controlar instintos e paixões, precisamos lembrar-nos delas. A lembrança atinge o corpo do indivíduo para sempre vinculá-lo à terra.

De certa forma, tanto Nietzsche como Rousseau fazem uma viagem a um tempo onde a natureza era uma outra coisa do que aquilo que fizeram dela em um mundo racional e esclarecido. Contudo essa viagem não é saudosista, senão afirmativa enquanto defesa de um ingrediente humano fundamental. Nietzsche resgata o abismo enquanto lugar da natureza próprio para a formação humana. É nesse lugar, nessa viagem, que podemos construir nossa segunda natureza, capaz de alargar a vida para vivê-la a partir da experiência. A segurança é o antídoto da vibração, do esbanjamento da vida. O abismo exige vontade e força para escapar e viver.

Rousseau não deseja ingenuamente recuperar a natureza perdida, deseja lembrar que a natureza continua entre nós, está em nós e pode ser afirmada sempre que nossa sensibilidade novamente enxergá-la e cultivá-la. Nessa condição, a liberdade não significa fazer o que quiser, mas nunca ter que fazer o que não se quer. De certa forma, a obra de Rousseau é o anúncio dessa liberdade e a defesa dela a fim de que a sociedade civil não se reduza a um conjunto de constrangimentos, obrigações e deveres. Daí nascem a ideia do *Contrato Social* e uma nova ideia de sociedade capaz de bem cruzar com a experiência da liberdade e da justiça.

Na maturidade e em suas caminhadas, Rousseau volta a reafirmar isso. Dedicar-se a defender a liberdade, o bem em uma espécie de movimento em direção a um estado anterior às alterações provocadas pelo progresso e pela modernidade. Mas já admite o cansaço, e afirma: “minha alma está ofuscada, obstruída por meus órgãos, se abate a cada dia, e, sob o peso dessas pesadas cargas, não tem mais o vigor suficiente para se lançar como antes para fora de seu velho envoltório.” Ainda assim e reduzido a si mesmo, Rousseau deseja continuar ruminando sobre a vida para nutrir a si mesmo.

Nietzsche, de volta de sua viagem, está convicto de que o viver intensamente é uma condição rara, que jamais estabelecerá parâmetros coletivos. Acaba sendo definido como um defensor da aristocracia. Faz críticas ao igualitarismo pelo seu vínculo com valores gregários, que instalam rebanhos e não seres humanos na Terra. Até admite que a democracia é uma espécie de resistência à tirania, contudo rapidamente torna-se “entediante pois muito útil”. Não cabe uma crítica política a Nietzsche nesse particular, seu foco não é o Estado, a economia, uma classe. Seu diagnóstico sempre é filosófico e como tal precisa ser entendido.

Na maturidade, Nietzsche tal como Rousseau, parece não mais deixar-se atingir pelo não reconhecimento de suas ideias. Mas fica expressa nos dois uma espécie de revolta que desdobra-se em novos hábitos de vida, em geral estranhos e ambíguos. Nietzsche nutre a si mesmo com a certeza de ter nascido póstumo e sem pressa sabe que este tempo da escuta de sua palavra ainda virá. O corpo também cansado encontra abrigo no devaneio dos desejos, autorizando-se a encontrar parceiros de todo tipo, ficando mais próximo de Dionísio – seu preferido desde o início. Rousseau, igualmente vai encontrar-se com a botânica, um mundo sem linguagem e interlocutores, esse puro deslumbramento desde o início.

Mesmo que nosso texto opte pelo caminho aberto, que aproxima e distancia dois autores, dados convencionalmente como incompatíveis, estamos aqui verificando também eixos comuns, não para forçar uma aproximação, mas para evitar habitar classificações que nomeiam os fenômenos para aprisioná-los em verdades, ou em mentiras.

De certa forma os dois encantam e desencantam. Tem certo exagero em comum, uma aposta excessiva em si mesmos e naquilo que apresentam como possibilidade ao nosso pensamento. O exagero aqui, bem dito, como algo que excede, que transborda, que supera, que ignora as fronteiras. Os caminhos propostos são distintos, as estratégias de luta singulares, contudo as provocações continuam entre nós, tão fortes, que acabamos achando que já é grande o direito de escolher com quem desejamos compartilhar nossos assombros e espantos, reconhecendo que tudo o que eventualmente encontra acolhimento em um deles, certamente é apenas uma forma de sentir-se sossegado, jamais contemplado plenamente. E valeria a recomendação: quando alcançamos em alguma medida essa liberdade de escolha é bom não “atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular” para preservar algo de errante em nós, para que tenhamos alegria na mudança e na passagem, mais do que na ancoragem.

#### **Rousseau and Nietzsche: on how the idea of nature establishes the becoming**

Abstract: The text establishes a dialogue between the thought of Jean-Jacques Rousseau and Nietzsche with regard to the concept of nature and its relation to the becoming.

Key-words: Rousseau – Nietzsche – nature – enlightenment.

#### **Referências bibliográficas**

MARTON, Scarlett (org). *Nietzsche abaixo do Equador. A recepção na América do Sul*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2006.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche, Filósofo da Suspeita*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, São Paulo, Casa do Saber, 2010.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*, Tradução de Maria Elena Ortiz Assumpção, São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Trad. Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Assim falava Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Tradução de Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: LP&M, 2010.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche. Biografia de uma Tragédia*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Friedrich Nietzsche: perspectivismo e superação da metafísica. In: *Revista Comum*: Rio de Janeiro- v.9, n°22, p.5 a 38. Janeiro/Junho 2004.